

Escolarização exclusiva: o autismo e a arte

RESUMO

Maria Antonia Freitas

ma@ibaiti.com

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Medianeira, Paraná, Brasil.

Rosângela Macílio Bogoni

rosebogoni@hotmail.com

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Medianeira, Paraná, Brasil.

A presente pesquisa teve como objetivo investigar o sujeito autista e a influência da arte como estratégia inclusiva. No aluno autista predomina a síndrome da distância social, a falta de comunicação e seu comportamento voltado apenas para seu interior, movimentos repetitivos e sem interação externa. Em decorrência destes distúrbios a aprendizagem escolar se torna um tanto quanto defasada em relação aos demais, pois não permite a receptividade da mente, como no caso de outras necessidades especiais. Portanto, o presente estudo se propôs a estudar os elementos constitutivos e característicos do aluno autista. Alguns programas e propostas pedagógicas são sugeridos tendo como foco o aluno autista, sobretudo com a utilização da Arte como coadjuvante para que este aluno veja o próprio desenvolvimento de forma mais lúdica e possa se estruturar-se na sua dimensão espacial, temporal e social. Este estudo encontrou sua motivação na ação dos profissionais da educação que ainda se mostram inseguros diante do sujeito autista no cotidiano escolar. O presente estudo vê como urgente a necessidade de capacitações, qualificações e estruturações físicas e emocionais para receberem crianças e adolescentes com autismo para o quadro de discentes da escola. Ao estar em contato com o aluno autista, é necessário ao professor planejar ações e estratégias pedagógicas para que todos os envolvidos possam superar as barreiras que venham a ocorrer no dia-a-dia na sala de aula e que a integração e inclusão deste aluno não seja um processo doloroso para os envolvidos. Visto que o autismo não tem cura, o indivíduo o levará consigo por toda a vida. Cabe, no entanto, aos profissionais da educação, mesmo sem a capacitação e a preparação necessárias, se adaptarem e buscar no autodidatismo as propostas pedagógicas que mais se aproximam da realidade do aluno autista. Como proposto neste trabalho, a Arte como uma das estratégias que possam contribuir neste processo de ensino e aprendizagem, é uma alternativa de inclusão desse aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Inclusão. Arte. Estratégia de Ensino.

INTRODUÇÃO

O estudo buscou investigar e relatar de a inclusão do sujeito com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) no ensino regular.

A questão central abordada neste trabalho diz respeito à averiguação da capacidade de desenvolvimento de um aluno portador de TEA dentro do ambiente escolar, avaliando como ele pode conviver com os colegas que não apresentam o transtorno.

Objetivou-se apurar se realiza o trabalho dos professores em sala de aula na presença de alunos com TEA e como a inclusão da disciplina de Artes se apresenta afirmativamente para o desenvolvimento desses alunos. Outro ponto analisado diz respeito à estrutura escolar como um todo, averiguando se o histórico de nossas instituições educacionais é favorável ao desenvolvimento de políticas inclusivas. Analisa-se também, a preparação dos educadores, como também o ambiente em que os portadores de TEA serão inseridos. Destacaram-se as deficiências do sistema de ensino brasileiro com relação à própria educação regular e como tais dificuldades intensificam o quadro inclusivo.

É importante destacar que “Autismo” é um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade: comprometimento qualitativo na comunicação, dificuldade na comunicação social e atividades restritivas. Tal conjunto precisa vencer as barreiras do ensino comum, através de atividades e procedimentos inclusivos a serem preparados pelos educadores e pela escola. Esta proposta de educação inclusiva está latente no Tratado da Guatemala de 1991 e na Declaração de Salamanca de 1994, prescrevendo que todos os alunos devem ter a possibilidade de integrar-se ao ensino regular, mesmo aqueles com deficiências sensoriais, mentais cognitivos ou que apresentam transtornos severos de comportamento. É com a inclusão no ambiente escolar que se pretende que o portador de TEA aprenda a se relacionar com pessoas diferentes e buscando com a sua presença inibir ações discriminatórias. Entretanto tal ideia parece estar muito distante de nosso atual sistema de ensino.

Portanto, buscando soluções práticas e possíveis, procurou-se apresentar atividades que envolvam a percepção visual do portador de TEA, que é mais aguçada do que sua habilidade em compreender a linguagem. Ressalta-se que é

justamente em razão da dificuldade de trato, que se viu o TEA como uma possibilidade de estudo. Entretanto, o debate envolvendo a temática em questão, gera constante necessidade de análise e estudo, pois, apesar das leis inclusivas vigentes, ainda se está longe de uma real proposta de inclusão. E é justamente aí que reside o cerne da presente pesquisa.

Esta pesquisa buscou conhecer a atual situação do ambiente escolar regular com relação à inclusão de sujeitos com TEA, além de analisar a aplicação das Leis e Tratados envolvendo o tema, avaliando a existência de políticas inclusivas atuantes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As políticas públicas de inclusão escolar são debatidas há mais de 20 anos. Entretanto, a inclusão dos alunos com o Transtorno do Espectro do Autismo ainda gera muita discussão. São poucos os estudos relevantes sobre este tema, o que contribui para que as ações caiam no obscurantismo no que diz respeito à elaboração de políticas públicas ideais.

Foi após a Declaração de Salamanca (1994) e a Declaração de Guatemala (1991), que se revela uma nova perspectiva de inclusão. Reafirmar a igualdade entre todas as pessoas e a garantia do respeito sem qualquer distinção (CP/OEA, 1999). Por meio desses documentos, foi que surgiram no Brasil diversas Portarias, Decretos e Leis versando sobre inclusão, tais como artigos dentro da Constituição Federal de 1988; artigos inseridos no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/1990); diversos artigos presentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDBEN (Lei 9394/1996); artigos verificados na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva; Decreto 7611/2011.

A LDBEN (Lei 9394/1996) é o principal documento nesse campo e, entre outros pontos, expõe em seu artigo 1º que a educação deve abranger “os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Outro documento importante no cenário brasileiro se refere ao Decreto 7611/2011, que estabelece quais são as estratégias educacionais para o país universalizar o atendimento escolar aos alunos com deficiência, transtornos

globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, preferencialmente, na rede regular de ensino, garantindo o atendimento educacional especializado em classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou comunitários, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível sua integração nas classes comuns.

Para Beyer (2005), Mendes (2006) e Mazzota (2008), há estudiosos que abominam a inclusão da maneira como ela vem sendo aplicada, uma vez que descaracteriza a condição individual de cada sujeito. Preconizam que a uniformidade que vem sendo imposta pelas leis atuais representa um equívoco e que, em função disso, a educação vem ocorrendo de forma inapropriada representada pela falta de recursos físicos e humanos.

Muito embora, a presente pesquisa tenha o escopo de averiguar a efetividade dos meios inclusivos no ensino regular, não se faz mister a adoção desta ou daquela linha de pensamento, dado que apesar da polêmica, há um consenso de que o que realmente importa é a oferta de uma educação de qualidade a todos os educandos, mesmo que ainda não haja um consenso sobre o local e a forma de fazê-lo.

Neste contexto, segundo Glat, Fontes e Pletsch (2006), busca-se dar à escola meios convenientes de inclusão, pois cabe a ela capacitar seus professores e adaptar-se de uma forma ampla para lidar com esse desafio.

Evidente que muita coisa precisa ser aprimorada, a inclusão não surge sem maiores transformações, autores como Riviére (2004), relatam que no caso de alunos com TEA cujo quadro clínico costuma se apresentar de forma heterogênea, faz se necessário uma avaliação específica e concreta de cada caso a fim de indicar as soluções educativas adequadas e complementam que nenhuma destas soluções educativas deve ser excluída a priori por razões puramente ideológicas ou entendidas como uma sentença para a vida escolar do aluno haja vista que, em qualquer uma dessas situações, o seu desenvolvimento deve ser priorizado.

Diante do exposto, é importante mencionar que a escolarização para essas crianças é indispensável, porém, quando não há ambiente apropriado e condições adequadas à inclusão, a possibilidade de ganhos no desenvolvimento cede lugar ao prejuízo. “Isso aponta para a necessidade de reestruturação geral

do sistema social e escolar para que a inclusão se efetive bem como para discussões acerca da melhor forma de educá-los” (SERRA, 2008, p. 51).

Nessa perspectiva Serra (2008), ressalta que a extinção da Educação Especial e a inclusão a qualquer preço podem significar um equívoco e um desrespeito à identidade dos sujeitos e que, apesar dos discursos inclusivos, as necessidades de um sujeito com de TEA vão muito além do pacote educacional que as escolas têm a oferecer.

Desta forma, a inclusão não deve ser imposta indistintamente e de qualquer forma. Há muito a ser revisto. Uma inclusão sem o necessário suporte acarreta sérios problemas aos sujeitos com TEA, aos demais alunos e aos educadores. Sob esta análise, buscam-se técnicas facilitadoras da implantação dos mecanismos legais.

Observa-se que a inclusão de um aluno com TEA em uma sala regular, com aulas meramente expositivas, como ocorre de praxe, caracteriza uma grande perda. Deve-se buscar a implantação de meios hábeis a chamar a atenção desses alunos, de modo a integrá-los ao ambiente. É neste ponto que a disciplina de Artes entra como um meio de desenvolver atividades simples, capazes de atrair esse sujeito com TEA e alavancar sua aprendizagem.

A proposta de atividades ligadas à Arte é apropriada para alunos com TEA e, segundo Rivière (2011), “as melhores respostas são as visuais espaciais, devido à dificuldade de os indivíduos com autismo entenderem informações muito abstratas, e o mundo social ser incompreensível para eles”. Com efeito, para eles, as palavras são somente palavras, os desenhos somente desenhos, os objetos somente objetos. O autor argumenta que devem ser estimulados “a aprender de forma específica os propósitos comunicativos, usando símbolos, e assim tentar se comunicar, através de objetos tridimensionais, ilustrações bidimensionais e palavras manuscritas ou impressas”.

Portanto, a prática pedagógica envolvendo atividades de Artes vem como um bônus ao processo inclusivo que vem sendo inserido nas escolas. Surge como uma válvula de ligação entre alunos com TEA e os demais alunos, da mesma forma que aproxima os professores, em vias de preparação para a realidade inclusiva.

2.1 A INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA E A PREPARAÇÃO DO EDUCADOR NO CONTEXTO ESCOLAR

De acordo com Santos (2008, p. 21), uma das principais características que se observa no sujeito autista é a grande dificuldade de se comunicar. Este fator no trato das relações entre os indivíduos, no interior do contexto escolar, é de suma importância que haja essa comunicação entre aluno e professor, para que, de forma natural, a confiança e a interação se faça presente no processo de ensino e aprendizagem.

Parte-se do princípio que todo aluno autista precisa de auxílio do professor para realizar praticamente todas as atividades. O auxílio do professor começa com a tomada de consciência de que o aluno autista precisa fazer e saber, e, para isso, necessariamente deverá ser ensinado de forma dirigida. E isto requer desvelo, carinho e delicadeza social. Só assim se processa o envolvimento do aluno com o mundo em sua volta.

Em relação à inclusão, é sabido pelos profissionais da educação que é a forma como se prepara para o trato com o sujeito com TEA, deve se constituir em um benefício para este. Há, também, os fatores como a solidariedade em que os demais alunos devem perceber o quanto é necessário observar e respeitar a necessidade dos colegas com autismo. O senso de responsabilidade com o bem-estar do colega é um exercício constante nas escolas inclusivas.

[...] Iniciando os procedimentos da inserção e inclusão do aluno com as características de autismo, a instituição escolar deve se preparar tanto estruturalmente como psicologicamente, tanto a nível de corpo docente e, principalmente, como a corpo discente, sensibilizar os demais alunos, para que tenham uma visão real de como lidar com tal situação, expondo detalhes e informações sobre o que pode ocorrer com essa criança. (PEREIRA; PEREIRA; PEREIRA, 2013, p.78)

Entende-se também que a discriminação se faz presente no meio escolar. E, assim, na sala de aula ela aparece. Normalmente, alguns do grande número de alunos são contemplados com os mais variados tipos de conceitos, preconceitos, piadas, aquilo que hoje se denomina *bullying*.

Segundo Pereira, Pereira e Pereira (2013), ao se propor a trabalhar com a inclusão na sala de aula, deve haver, por parte do professor um grau maior de observação, principalmente, sobre as diferenças. Deve ser uma observação

constante ao comportamento dos alunos na forma e no trato com os colegas autistas. Desta forma, compete ao professor, exercitar com seus alunos, a tolerância, a paciência, o equilíbrio e a boa vontade, para que haja proximidade, amizade, companheirismo e confiança para que o aluno com TAE se sinta amparado e seguro.

[...] para que ocorra a educação para uma criança autista, alguns fatores devem ser levados em consideração, por exemplo: a dificuldade de comunicação do autista, dificuldade na fala e as alterações repentinas de humor dessas crianças. (PEREIRA, PEREIRA; PEREIRA, 2013, p. 65)

O professor consciente, para estimular e incentivar o crescimento do aluno autista, não julga pura e simplesmente por julgar. Tenta ao máximo a aproximação deste aluno, oferecendo-lhe espaço necessário para uma boa relação. Observa-se que se um professor quer tornar a sua sala de aula em um ambiente acolhedor, é necessária dar uma pitada de afeto, de carinho, de amor. É fundamental que haja alegria, companheirismo, ética, responsabilidade e convivência saudável entre os pares.

Quando o professor se importa com os alunos, ouve o que eles sentem e valoriza as capacidades e gostos de cada um, ajuda a formar pessoas mais felizes e cidadãos responsáveis.

[...] Entendendo-se que o portador de Autismo não tem facilidade de se adaptar ao mundo exterior, se faz necessário, que no interior da escola, que professor proponha rotinas estruturadas, para que o mesmo se situe no tempo e no espaço. É claro, que o professor faz parte deste contexto de rotina e estruturação. Os profissionais da área da educação necessitam de treinos e especialização para lidar íntima e especificamente com esses alunos autistas. A intervenção deve ser a mais intensiva e precoce possível, realizada por uma equipe multidisciplinar que inclua psiquiatra, psicólogo, neurologista, pediatra, professor, psicopedagogo, fonoaudiólogo e fisioterapeuta, dentre outros. (PEREIRA; PEREIRA; PEREIRA, 2013, p. 75)

Milagre e Souza (2013) afirmam que tanto o professor como o pedagogo são intrinsecamente significativos para o processo educacional do aluno com autismo em escolas de ensino regular. O que se observa nos dias atuais é que a preparação do professor e dos demais setores que atuam na educação, têm um nível baixo de entendimento, pois deve-se levar em consideração o nível lento e gradativo do autista no seu processo de aprendizagem.

Fernandes (2010) cita que muitas pesquisas evidenciam que no cotidiano escolar os alunos com necessidades educativas especiais (NEE), inseridos nas salas regulares, vivem situações precárias, muito pouco de especial é realizado em relação às características da diferença deles.

Milagre e Souza, (2011) afirmam que as escolas não estão preparadas nem fisicamente, nem no âmbito do corpo docente, tendo este que enfrentar grandes desafios para desenvolver o projeto pedagógico

[...] a ideia de integração/inclusão acaba por ser traduzida em uma imagem mais ou menos bem definida: tratar-se-ia de deixar a escola assim como ela está agora e de acrescentar algumas pinceladas de deficiência, alguns condimentos da alteridade “anormal”. Somente isso, nada mais do que isso. (FERNANDES, 2010, p. 24-25)

Este argumento ilustra a realidade de algumas escolas. Desta forma, quando se participade projetos dentro da própria instituição de ensino, percebe-se a existência de professores que, em geral, lecionam em três turnos com salários precários, mas que necessitam de aptidão para receber os alunos especiais. Esses docentes necessitam de capacitação para enfrentar os desafios da inclusão. Isso significa que o atendimento às diferenças passa a ser um problema de todos os envolvidos com a comunidade educacional e não somente do professor. Esse trabalho requer o compromisso da comunidade escolar e da instituição familiar no sentido de evitar a tal “pincelada de deficiência” dentro das escolas. (FERNANDES, 2010, p. 24-25).

Para o sucesso do processo de inclusão, deve-se fortalecer o trabalho de toda a equipe da escola. Todos devem estar preparados para os processos de inclusão no âmbito do ensino e da aprendizagem. É da dedicação de cada um que se promove o sucesso ou não.

[...] Entendendo-se que o portador de Autismo não tem facilidade de se adaptar ao mundo exterior, se faz necessário, que no interior da escola, que professor proponha rotinas estruturadas, para que o mesmo se situe no tempo e no espaço. É claro, que o professor faz parte deste contexto de rotina e estruturação. Os profissionais da área da educação necessitam de treinos e especialização para lidar intima e especificamente com esses alunos autistas. A intervenção deve ser a mais intensiva e precoce possível, realizada por uma equipe multidisciplinar que inclua psiquiatra, psicólogo, neurologista, pediatra, professor, psicopedagogo,

fonoaudiólogo e fisioterapeuta, dentre outros. (PEREIRA; PEREIRA; PEREIRA, 2013, p. 75)

Milagre e Souza (2013) afirmam que tanto o professor como o pedagogo são intrinsecamente significativos para o processo educacional do aluno com autismo em escolas de ensino regular. O que se observa nos dias atuais é que a preparação do professor e dos demais setores que atuam na educação, têm um nível baixo de entendimento, pois deve-se levar em consideração o nível lento e gradativo do autista no seu processo de aprendizagem.

Fernandes (2010) cita que muitas pesquisas evidenciam que no cotidiano escolar os alunos com necessidades educativas especiais (NEE), inseridos nas salas regulares, vivem situações precárias, muito pouco de especial é realizado em relação às características da diferença deles.

Milagre e Souza, (2011) afirmam que as escolas não estão preparadas nem fisicamente, nem no âmbito do corpo docente, tendo este que enfrentar grandes desafios para desenvolver o projeto pedagógico

[...] a ideia de integração/inclusão acaba por ser traduzida em uma imagem mais ou menos bem definida: tratar-se-ia de deixar a escola assim como ela está agora e de acrescentar algumas pinceladas de deficiência, alguns condimentos da alteridade “anormal”. Somente isso, nada mais do que isso. (FERNANDES, 2010, p. 24-25)

Este argumento ilustra a realidade de algumas escolas. Desta forma, quando se participade projetos dentro da própria instituição de ensino, percebe-se a existência de professores que, em geral, lecionam em três turnos com salários precários, mas que necessitam de aptidão para receber os alunos especiais. Esses docentes necessitam de capacitação para enfrentar os desafios da inclusão. Isso significa que o atendimento às diferenças passa a ser um problema de todos os envolvidos com a comunidade educacional e não somente do professor. Esse trabalho requer o compromisso da comunidade escolar e da instituição familiar no sentido de evitar a tal “pincelada de deficiência” dentro das escolas. (FERNANDES, 2010, p. 24-25).

Para o sucesso do processo de inclusão, deve-se fortalecer o trabalho de toda a equipe da escola. Todos devem estar preparados para os processos de inclusão no âmbito do ensino e da aprendizagem. É da dedicação de cada um que se promove o sucesso ou não.

[...] os educadores lidam com os comportamentos de superfície e tem que enfrentar as emergências que ocorrem no cotidiano da criança perturbada; [...] esta não é uma tarefa fácil porque exige muito preparo e equilíbrio psicológico, as intervenções planejadas podem constituir-se num instrumento terapêutico levando este aluno a melhorar sua qualidade de vida. (MILAGRE E SOUZA, 2011, p.26)

Segundo Fernandes (2010, p. 26) “as políticas e condições para as mudanças devem ser estruturadas, adaptadas e repensadas todos os dias, até que possamos conseguir o ideal dessa práxis”.

[...] o professor que se dispuser a encarar o desafio, se encontrará diante de um aluno com uma gama de comportamentos tão incomuns, tão complexos e na maioria das vezes tão imprevisíveis, que muitas teorias e fórmulas possivelmente cairão por terra, o que levará o professor a refletir sobre sua prática, seus princípios e sua competência profissional.(MILAGRE E SOUZA, 2011, p.27)

Em função da complexidade do quadro clínico, o aluno com autismo tende a não se beneficiar da aprendizagem por meio de exposição direta a estímulos diversos, que não contribuem para sua formação psicossocial e o desenvolvimento de suas estruturas cognitivas.

Sendo assim Pereira, Pereira e Pereira (2013, p. 76) expõem que:

Assim, os professores são significativos para esse aluno com TAE, pois as atividades proporcionam maiores condições de desenvolverem suas capacidades e habilidades. Sob este foco, a confiança é um dos destaques na relação do aluno com o professor. Também é importante ao professor, conhecer com amplitude e abrangência as características do autismo, do comportamento desse sujeito, a fim de que metodologias e estratégias de ensino sejam sempre atualizadas para que os objetivos sejam atingidos de forma prazerosa para todos os atores deste trabalho.

O que ocorre nas turmas de ensino regular atualmente é uma série de limitações, principalmente ao se tratar com o aluno autista, pois os problemas vão desde salas superlotadas, já que não há estrutura física adequada nem para o aluno considerado “normal”, quanto mais para os com necessidades especiais.

A maior questão da inclusão e da segregação das propostas pedagógicas podem apresentar formas que não serão adequadas para a educação e o desenvolvimento do aluno autista, pois necessita de diversas e variadas adaptações, então se inicia o problema da estrutura física, e o que fica mais perceptivo é que a deficiência está no indivíduo e não no ambiente, mas, tudo

necessita de condições de trabalho e de apoio para o profissional da área da educação.

2.1.1 MÉTODOS E PROGRAMAS DE ESTÍMULO AO ALUNO AUTISTA

De acordo com Di Bernardi e Reis (2013, p. 45) “alguns dos mais utilizados são o TEACH, que nos propõe a organização no espaço e no tempo, o uso de dicas visuais e, entre outras, a associação do conteúdo com a vida diária”.

Gary Mesilov, diretor da divisão TEACHC (*Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children*), afirma que o autismo funciona como se fosse uma cultura diferente, já que afeta no indivíduo a forma como ele come, se veste, ocupa seus momentos de lazer, etc.

Santos (2008, p. 55) diz que “para contribuir como desenvolvimento de um autista – respeitando seu tempo e limitações – não é necessário oferecer-lhe muito, basta-lhe uma vida simples, ordenada e tranquila, o que lhe é essencial”.

Segundo Camargo Jr. (2005) *apud* Milagre e Souza (2011, p. 30), os propósitos do método são:

[...] Habilitar pessoas portadoras de autismo a se comportar de forma tão funcional e independente quanto possível;
Promover atendimento adequado para os portadores de autismo e suas famílias e para aqueles que vivem com eles;
Gerar conhecimentos clínicos teóricos e práticos sobre autismo e disseminar informações relevantes através do treinamento e publicações.

Milagre e Souza (2011) informam que na atualidade poucos são os projetos e programas que permitem trabalhar de forma mais efetiva com indivíduos autistas. Citam os autores que o TEACHC é um método que se mantém evoluindo, desafiando os diagnósticos negativos dos médicos ao dizerem que a criança não evolui, adicionando novas descobertas de pesquisa. Tendo sido utilizadas somente técnicas que foram comprovadas em ampla escala, o método não trabalha com uma técnica isolada.

Ainda segundo os mesmos autores, o TEACHC é um programa especial de educação voltado para as necessidades individuais de aprendizado da criança autista baseado no desenvolvimento do dia a dia. O TEACHC não foca especificamente nas habilidades sociais e comunicativas do autista, ele pode ser usado junto com outras terapias para torná-las mais efetivas. Mas deve ser

desenvolvido de forma individual, por isso torna-se necessário a sala de recursos na escola regular.

Para Pereira, Pereira e Pereira (2013). O TEACHC é um dos métodos mais difundidos do ensino estrutura, onde a centralização é o ensino de capacidade de organização, partilha social e comunicação. Este método foca as áreas de processamento visual e de interesses especiais, buscando explorar o aprendizado de rotina, do cotidiano. Concomitantemente em que vão ampliando seus conhecimentos, as crianças irão aprender a estruturação do seu meio ambiente, por seu turno, as crianças autistas e crianças com outros tipos de limitações no seu desenvolvimento necessitam de um auxílio externo para que se situem no processo de aprendizagem.

- Por meio de um ensino estruturado é possível:
- Fornecer uma informação clara e objetiva das rotinas;
 - Manter um ambiente calmo e previsível;
 - Atender à sensibilidade do aluno aos estímulos sensoriais;
 - Propor tarefas diárias que o aluno é capaz de realizar;
 - Promover a autonomia.

Por conseguinte, este método promove segurança, dá confiança e auxilia os autistas a criarem interação com os colegas em sala de aula, dinamizando seu potencial e capacidade, por meio da comunicabilidade, tão imprescindível para a promoção da interação social.

“Entende-se que também que muitos distúrbios do comportamento são devidos de incapacidade ou problemas de comunicação. Portanto, todos os métodos a serem utilizados propõe uma aproximação do autista com as demais pessoas em estado de comunicabilidade”. (PEREIRA, PEREIRA e PEREIRA, 2013, p. 77).

Segundo Pereira, Pereira e Pereira (2013, p. 77), quem também se beneficia desses procedimentos é o professor em sala de aula que vai conseguir também interagir e fazer com que a operacionalização e objetivos de sua estratégia de ensino se projetem de maneira mais dinâmica e organizada.

Di Bernardi e Reis (2013, p. 45) afirmam que o método *Son-Rise* promove um mergulho para o mundo autista, perpetrando um diálogo junto ao inconsciente, é uma aproximação, caracteriza pelo respeito à diferença e a abertura em função da confiança. Ambos os métodos (TEACHC e *Son-Rise*), têm inúmeros pontos de valor, o difícil é adaptá-los e ver seus efeitos dentro de um contexto “não

autista”, ou seja, um espaço não adaptado, cheio de informações visuais e distrações: as salas de aula em que eles são “incluídos”.

Aleixo e Ruiz (2008) se dirigem à “dança” como um elo de desenvolvimento psicossocial com crianças autistas.

[...] Uma das incapacidades das crianças autistas é o déficit na comunicação e na expressão, a dança tenta amenizar esse déficit, pois trabalha a criatividade, a expressão, gerando movimentos lúdicos. A dança, por meio de expressões como alegria, tristeza e euforia poderão expor emoções contidas em seu inconsciente. Ela permite às crianças autistas um esforço positivo na ajuda para formação da personalidade, melhora-se a autoestima, autoimagem e a autoconfiança. (ALEIXO e RUIZ, 2008, p. 29)

Os mesmos autores explicam que o “dançar” é uma das atividades que colabora com os portadores de necessidade especiais como coadjuvante na eficácia da inclusão social, pois a dança faz com que haja relações diversas entre o meio, a cultura e a socialização.

Historicamente, a dança assumiu várias formas e tem se transformado, assim como a sociedade. Ensinar a dançar não é dizer apenas o que está certo ou errado, mas estimular a sua capacidade de expressão corporal, de criar, ou seja, brincar com o próprio corpo.

A dança pode contribuir no desenvolvimento do processo de aprendizado favorecendo para um contato mais aproximado entre o aluno autista e os demais alunos de sua turma, propiciando uma melhor interação e disciplina na organização da promoção da inserção social.

[...] Muitos frutos dessa iniciativa foram colhidos, como por exemplo: o interesse de participação da comunidade local, melhoria da disciplina de alguns alunos considerados indisciplinados e desinteressados pela escola e da autoestima dos participantes. Além de atrair a participação espontânea de um aluno com paralisia cerebral/cadeirante e um outro autista com atividade lúdica e de interação com outras crianças, o que coaduna com a proposta de educação inclusiva. (ALEIXO e RUIZ, 2008, p.31).

Di Bernardi e Reis (2013) explicam uma alternativa a ser considerada para o apoio pedagógico para o professor que é a arte, a arte como terapia:

[...] Genericamente, a arte é a expressão real da visão do artista, da sua visão de mundo, porém, por outro lado, da para conhecer o artista através de sua forma de expor, criar a

sua arte. Inconscientemente pode-se mostrar através do mundo que envolve a arte, e por isso mesmo é que se projeta na arte uma forma de terapia, usá-la de forma que vá facilitar, um elo entre o real e a expressão abstrata do indivíduo.(DI BERNARDI e REIS, 2013, p.45)

De acordo com esses autores,a arte pode ser um dos vieses para que se adentre ao mundo do autista e se possa familiarizar com seu mundo, com suas emoções que possam estar expressas em símbolos imaginários da criança.

“O autista retém maiores índices de leitura por meio de imagens que estimule o visual, normalmente tem excelente memória fotográfica, e sua facilidade em atentar para os mais pequenos detalhes se sobressaem sobre o todo”. (DI BERNARDI e REIS, 2013, p. 45).

Assim sendo, pergunta-se, o que o professor pode fazer? Uma das respostas mais apropriadas pode ser que:

[...] Somente uma parte, e entender que os resultados são lentos, mas se pode ajudar qualquer aluno. Uma ementa deve ser cumprida no contexto do ensino regular, as nomenclaturas de artistas, movimentos e outros dados não interessarão ao aluno autista no seu convívio social. É onde entra a ação do professor por inteiro, é a hora da adaptação e readaptação do currículo e da metodologia pedagógica onde se projeta todos os conhecimentos já adquiridos. Entender os elementos característicos como a oralidade, o comportamento e áreas que estimulem interesse são as chaves de acesso ao mundo dos alunos portadores de autismo.(DI BERNARDI e REIS, 2013, p.45)

Ao analisar alguns procedimentos que estão à disposição de educadores, principalmente, no ensino regular, e para efeito deste trabalho, fica expresso que a arte é um dos sistemas mais simples de serem utilizados, além de evidenciar que auxilia o professor na exploração de todos os sentidos naturais do indivíduo, a estimulação dos mesmos, e a interação e integração na aproximação física e emocional do aluno com autismo.

2.2 A ARTE NO CONTEXTO EDUCACIONAL E NO MUNDO DO AUTISTA

Segundo Zakovsky (2008), a arte sempre esteve presente no universo humano desde os primórdios, como por exemplo, nas pinturas rupestres nas paredes das cavernas dos homens primitivos. Hoje em dia, nas suas mais diferentes manifestações plásticas, promovendo formas de expressão,

comunicação, ritual, liberdade criativa e possibilidades de cura e harmonia interior em um processo de estimulação de idealizações rumo à concretização e realização através da organização emocional. Durante esse processo, há uma ativação da circulação da energia psíquica e física, o que nos traz saúde e desenvolvimento em todos os sentidos.

[...] a arte vem fazendo historia, marcando épocas, gerações, pensamentos, sensações e sentimentos. A arte acompanha o Homem e age como importante agente curativo de nossos desequilíbrios, atualizando situações negativas em nossos registros mentais, aumentando as possibilidades do desenvolvimento da personalidade. (ZAKOVSKY, 2008, p.69)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, em seu capítulo VII, artigo 35, expõe seus objetivos para o ensino das artes no currículo escolar:

O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica para desenvolver a criatividade, a percepção e a sensibilidade estética respeitada as especialidades de cada linguagem artística, pela habilitação em cada uma das áreas, sem prejuízo da interação das artes com as demais disciplinas.

Parágrafo único: a preservação do patrimônio cultural nacional e regional, bem como as diferentes formas de manifestação artístico-cultural originárias do Brasil, terão tratamento especial.. Normas, níveis e organização da educação infantil. Dois aspectos podem ser considerados no ensino da arte: não só como elemento enriquecedor de toda a atividade curricular, mas ainda como um componente com objetivos próprios e não acessórios. (p. 175)

Artigo 208 – O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: V – acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um.

Artigo 210 – Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais; (p. 297)

Do Ensino Médio

Artigo 36 – O currículo de ensino médio observará o disposto na seção

I do presente Capítulo e as seguintes diretrizes:

I – destacará a educação tecnológica básica, compreensão do significado de ciência, das letras e das artes; o processo histórico da transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania; (p. 41)

Dada sua importância, a disciplina de arte dentro do contexto curricular na condução de apoio à formação de cidadão, deve ser considerada como fonte de

expressão, da ligação entre o belo e o feio, o senso crítico, a forma de ver e analisar a natureza e a vida propriamente dita.

Ainda de acordo com PCNs (1990), a Arte auxilia diretamente no desenvolvimento de potencialidades que estão nos sentidos corporais, a expressão corporal, além de estimular a capacidade de articular mais a verbalização. A arte dentro de suas peculiaridades se apresenta como uma cultura já implícita na população, na comunidade e está presente em todos os meios de comunicação.

Segundo Fernandes (2010), a Arte se faz presente na vida da criança, seja por meio do brinquedo, seja por intermédio do desenho, da pintura, da escultura, da estória, da música, da dança, do teatro. Ela provoca o desenvolvimento da leitura do mundo e da expressão pessoal.

Nos PCNs (1990) estão estabelecidas quatro áreas de grande alcance no contexto do ensino da disciplina de artes, tais como: a Dança, as Artes Visuais, a Música e a Representação, isto é, o Teatro. O conteúdo de cada um delas vai depender do que os alunos já estudaram nos ciclos anteriores, para que haja continuidade no processo de aprendizagem.

Mas, como se ensina a disciplina de Arte?

[...] Ensinar a Arte é a mesma sistemática de ensinar qualquer outra disciplina, a Matemática, o Português e outras disciplinas tem seus currículos, suas metodologias e assim por diante, todos seguem o mesmo contexto. Mas, também se ensina através de variantes, uma vez que a Arte adentra em questões de campos como a sensibilidade, as multiculturalidades, as diversas formas de expressão, pela abstração e por respostas um tanto quanto divergente de aluno a aluno. (CAMARGO JR., 2007 apud SANTOS, 2008, p.24)

Para o ensino de Arte, Camargos Jr. (2005) *apud* Santos (2008), a seriedade em se trabalhar esta disciplina, pois a adaptação com a realidade em que se está presente deve ter um sentido, um significado. O professor deve ser um autodidata, descobrir sempre novos métodos, a construção do saber, conhecer com mais profundidade a vida dos autores mais estudados em sala de aula, seus perfis e suas características, atualizar-se periodicamente em relação ao trabalho cultural de seu bairro, sua cidade, estado, país, etc. Ter manejo no uso de materiais, trabalhar com as mídias, transformar conteúdos curriculares em questões que dêem vazão a criatividade e a significação positiva para o

educando. É conhecer o aluno e como ele aprende, conhecer sobre Arte e ensinar Arte interagindo.

Santos (2008, p.15) por seu turno afirma que “os profissionais que trabalham na área da pedagogia e que têm uma atração pela arte, podem exercer a arte-terapia no domínio de sua formação de base”.

Pain (1996) argumenta que “tornar-se um frequentador de museus, por exemplo, pode ajudá-lo a enriquecer seu vocabulário sobre inúmeras formas da expressão plástica Quanto à dança o teatro e a música, basta-lhe o sensível”.

Santos (2008) amplia a visão sobre o ensino da arte, afirmando de que não é necessário ter um consultório ou ser um especialista em psicoterapia para que o trabalho seja desenvolvido com qualidade em relação ao aluno com autismo. Desta forma, a arte como terapia pode ser trabalhada individualmente ou em grupos, nos quais há alunos autistas. O grande desafio do educador é auxiliar a transformação e desenvolvimento pessoal do ser humano mesmo tendo as barreiras das deficiências, transtorno, dificuldades e outros tipos de situações que impeçam uma vida digna de um indivíduo.

[...] Através da utilização de matérias concretas, (por exemplo, os materiais plásticos, que emprestam sua plasticidade ou flexibilidade modular para a representação/exibição de uma estrutura/modelo) o sujeito põe em ação (= atividade, movimento) ou dinamiza a sua imaginação. (DAMASCENO, 2009, p.40)

De acordo com Aleixo e Ruiz (2008, p.36), o autista não tem interesse em ações, principalmente ao buscar por objetos, os movimentos de seus pés, mãos, o som das cordas vocais e o que está acontecendo à sua volta, não os estimulam, por isso há dificuldade de interação com objetos, pessoas. Seu comportamento é isolado e sem comunicabilidade.

A Arte auxilia, sobremaneira, tanto na elaboração da auto expressão do indivíduo, como na expressão de conteúdos internos (sentimentos, emoções e lembranças) e alívio de tensões. A expressão artística tende a ser extremamente importante e facilitadora na elaboração de conteúdos internos difíceis e delicados geradores de conflitos.

Zakovsky (2008, p.71) indica que “propicia alívio de tensões, por favorecer a expressão do momento de vida do indivíduo, facilitar um encontro consigo mesmo e por ampliar seu contato com a realidade”.

A capacidade de ver, sentir, ouvir, cheirar e provar proporciona os meios pelos quais se realiza uma interação do homem com seu meio. A Arte oferece vivências sensoriais em atividades artísticas que podem contribuir com a inclusão do indivíduo com TEA em seu meio, dando oportunidades para que o seu cérebro seja estimulado e esse indivíduo possa, por alguns instantes, ser levado a perceber do modo dele o mundo que nos cerca. (FERNANDES, 2010, p. 48)

Païn (1996, p. 10) *apud* Santos (2008, p. 24) informam que a Arte como terapia, é um tratamento que utiliza como mediação a expressão artística. São diversas as expressões artísticas: dança; teatro; música e a plástica como a abstração, o surrealismo, o gestual, a cinética, o conceitual, o tachismo

[...] e garantem diferentes abordagens artes-terapêuticas. (Fazer arte promove o desabrochar da percepção, da estruturação, organização e ordenação, possibilitando a compreensão do momento circunstancial, bem como da dimensão de si mesmo, pois fazer arte num sentido literal envolve vários níveis humanos como o sensório-motor, o emocional, o cognitivo e o intuitivo). Por meio da arte, ou atividade, o sujeito transforma a realidade e a si mesmo, desenvolvendo a consciência que se torna no seu próprio exercício. (DAMASCENO, 2009, p.40).

De acordo com Santos (2008), a arte é um tipo particular de conhecimento, onde o produto criado pelo artista propicia um tipo de comunicação, a forma artística fala por si mesma. A arte é capaz de estruturar e organizar o mundo respondendo aos desafios que dele emanam; é um produto que expressa às representações imaginárias das distintas culturas, que se renovam através dos tempos.

[...] A arte para nos permite a tolerância à ambiguidade e à exploração de múltiplos sentidos e significações. Esta dubiedade da Arte a torna valiosa na Educação. Arte não tem certo e nem errado; tem o mais ou menos adequado, o mais ou menos significativo, o mais ou menos inventivo. (BARBOSA (2004, p.48) *apud* FERNANDES, 2010, p. 46)

Segundo Damasceno (2009, p.31), ao utilizar elementos como tintas, argilas, música, o próprio movimento do corpo, este sujeito vê-se “obrigado” a determinar seu campo psicológico (definido como sendo o espaço onde a vida de uma pessoa se realiza), por meio da incorporação de sua ação. A materialização resultante de uma ação modelar sobre elementos plásticos viabiliza a estruturação de um campo psicológico possibilitando, através da vivência de uma

censurabilidade, pela percepção de formas, texturas, cores, volumes e sensações sinestésicas que levam a materialização ou à concretização de se mesmo, dada à atenção focalizada ação.

Para contribuir com o desenvolvimento de um autista basta oferecer-lhe uma vida simples, ordenada e tranquila, o que lhe é essencial. Sob ótica, o PCN (BRASIL, 1997), reforça que a arte é capaz de estruturar e organizar o mundo respondendo aos desafios que dele emanam; é um produto que expressa representações imaginatórias das distintas culturas que se renovam através dos tempos.

A arte pode ser considerada dentro da vida de cada indivíduo como um ato de extrema importância, pois a mesma poderá dar um acesso a planos diferenciados na visão interna entre a lógica e o abstrato, tornando-se uma experiência única, individual.

Desta forma, em relação ao cotidiano escolar do autista, pode-se considerar, de acordo com Di Bernardi e Reis (2013, p. 45-46):

Primeiro aprendizado: não existe fórmula e nem receita pronta ou atividades que vá atender a todos os envolvidos no aprendizado, pois cada um tem sua característica própria, o fator o principal é mostrar carinho, amor e boa vontade para estar sempre tentando;

Segundo aprendizado: tudo é paulatino, tudo tem sua vez, uma coisa de cada vez, tem dia que as coisas fluem a contento, num outro é desestimulante, há dias que as crianças estão mais próximas, mais dispostos, mas o resultado sempre aparece;

Terceiro aprendizado: tudo é muito lento, e o avanço também vai de acordo com a confiança que se estabelece nos relacionamentos. Algumas dicas são importantes para o planejamento, a exposição e o cumprimento das metas através de dicas visuais. Importante esta situação: se você disser “depois que você for ao banheiro, nós iremos pintar no papel sulfite”, não permita que se pare as ações no meio do caminho, não deixe quebrar essa sequência com outros entremeios.

Quarto aprendizado: valorize toda e qualquer conquista do aluno para que ele perceba que está sendo observado pelo mundo. O professor e os demais coadjuvantes no processo de ensino deve permitir que o autista entre no nosso

mundo, e não somente a gente entre no mundo deles. Ao expressar alegria ou felicidade por uma ação positiva deles, as reações deles são diferenciadas, mas são perceptivos na emissão dos nossos sentimentos. Mas, é interessante registrar que não se deve de formar alguma deixar de respeitar a individualidade e a valorização deve ser uma constante. (grifo nosso).

Se se pensar sobre a existência e o papel da escola, veremos que ela existe “em” e “para” um determinado contexto social. Neste sentido, as escolas são realidades sociais como necessidade social precisa ser dinâmica, integrando os aspectos teóricos e práticos. O professor aparece como figura-chave do currículo, interpretando o próprio e convertendo seus conteúdos em aprendizagem compreensiva e significativa.

É preciso, no dia-a-dia, olharmos além dos problemas, e assim o fazemos. É preciso sempre enxergar com clareza e humanidade o outro ser humano, que é a principal razão do professor estar no processo educacional. A aprendizagem significativa implica o amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre as expectativas com a realização deste trabalho, pode-se afirmar que a arte realmente é um elemento de suma importância para a produção e para o desenvolvimento do aluno autista junto aos demais colegas, professores, família e sociedade devido à sua limitação comunicativa.

Um ponto também observado por meio deste estudo é que o autismo não tem cura, mas apresenta vários fatores que podem contribuir para que se amenize e se atenuem as crises mais proeminentes nas crianças portadoras de autismo.

É importante salientar que quanto mais cedo se observarem a presença de características de autismo no sujeito, e mais cedo se puder buscar auxílio e apoio de áreas profissionais da saúde multidisciplinares, tanto melhor para a família e para o autista. Dentre estes profissionais cita-se o psicólogo, o neurologista, o fonoaudiólogo, o fisioterapeuta, e outros terapeutas que possam contribuir com a melhoria da qualidade de vida e convivência do autista.

Também se verificou que, para efeito de inclusão, o autismo se depara com inúmeras dificuldades, mitos, preconceitos e com ainda pouco conhecimento por parte dos envolvidos na instituição escolar, desde a direção até os funcionários.

Devido à dificuldade de comunicação, o aluno autista é totalmente dependente do professor ou dos pais/responsáveis que necessitam de muito carinho, atenção, paciência, e cuidados especiais.

Não se pode deixar de mencionar a importância da preparação institucional para atender um aluno com a Síndrome de Autismo, pois foi verificado neste estudo, que a grande parcela da comunidade escolar não está preparada para receber e conviverem com tal evento. Falta ainda muita informação e preparação, tanto profissional como pessoal, para conviver com um aluno autista.

Nas leituras para este trabalho, verificaram-se alguns métodos e programas que dão suporte para o professor trabalhar de forma mais programática e pedagógica com o aluno autista, viu-se o método TEACHC, o Ensino Estruturado, o método *SonRise*, a dança e a arte como fatores de influência positiva para o aprendizado e desenvolvimento intelectual e de convivência social do autista.

O foco para a realização deste trabalho voltou-se para a Arte é uma das formas mais apropriadas de trabalhar com o aluno autista. A arte propõe uma atividade com matérias concretas o que vai ao encontro da característica do autista, trabalhar exatamente com a matéria, sem a abstração. O contato com a tinta, com o gesso, com a argamassa, com o pincel, entre outros materiais, faz com que este contato passe a ser mais próximo da criança autista. E, por outro lado, a arte propõe uma valorização na expressão do indivíduo, nos seus mais profundos sentimentos, pode propiciar alívio de tensões e pode estimular a capacidade de ver, sentir, ouvir, cheirar, provar, pois a arte propicia vivências sensoriais, oportunizando estímulos cerebrais.

A arte ainda propõe a estruturação e organização, além das questões de ordenação, a dimensão de si mesmo, os sentidos sensório-motor, emocional, cognitivo e intuitivo.

O aspecto limitado observado por este estudo é em relação à preparação profissional do professor. Na sua formação acadêmica não há preparação para atuar com o sujeito com TEA, portanto, quando da prática profissional, ao se deparar com esse sujeito, o professor precisa buscar apoio e auxílio em outros

profissionais, e um autodidatismo para que se possa enfrentar de forma apropriada para auxiliar o aluno com necessidades especiais, principalmente, neste nosso caso, o aluno autista.

O presente estudo mostra somente a ponta do iceberg, pois este tema propõe sempre mais estudos mais avançados, pois é um problema que realmente aflige milhões de pais e crianças, sendo que a escola do ensino regular ainda está longe. Mas isto não depende somente do professor, da instituição, mais sim, de políticas públicas e investimento por parte do provedor maior perante a Constituição Federativa que é o próprio Governo. Se depender somente da boa vontade do professor e todo o corpo institucional da escola, nenhuma criança perecerá dentro de suas necessidades. O amor à criança seja qual for o seu problema, sempre soará de forma mais humana possível dentro da formação humana do profissional da educação.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, Graziela; RUIZ, Mariléa Cruz. **A dança como forma de inserção social aos portadores da Síndrome do Autismo – Asperger**: relato de caso. Centro Universitário Católico Salesiano *Auxilium*. Curso de Educação Física. Lins: SP. 2008. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/46259.pdf> . Acessado em: 14/08/2015.

BARBOSA, Ana Mae. Porque e como: **arte na educação**. Arte em pesquisa: especificidades. Brasília, v.2, p. 48-52. 6 ago. 2004.

BEYER, H. O. **Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

BRASIL, MEC. **Lei de Diretrizes e Bases no 9394/96**. Brasília: MEC. 1996.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Arte. Brasília: MEC / SEF, 1997.

CAMARGOS Jr., Walter et al. **Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º Milênio**. Brasília: CORDE, 2005. 260 p.

DAMASCENO, Múria Antunes. **ARTETERAPIA EM EDUCAÇÃO**: Como Recurso Facilitador no Processo de Aprendizagem de Anee's. Universidade Cândido Mendes. Brasília: DF. 2009. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/31092.pdf . Acessado em: 14/08/2015.

DI BERNARDI, Denise S. Thiago; REIS, Daniel. **Autistas, um novo desafio em sala**. Artes Visuais. *Maiêutica* - Ano 1. Número 1. Janeiro 2013.

DSM-IV. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FERNANDES, Lorena Barolo. **Ensino de Arte no universo Autista**: um relato de extensão da Faculdade de Artes do Paraná. Dissertação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba: PR. 2010. Disponível em: http://tede.utp.br/tde_arquivos/1/TDE-2012-11-19T142458Z-325/Publico/ENSINO%20DE%20ARTE%20NO%20UNIVERSO%20AUTISTA.pdf. Acessado em: 15/08/2015.

GLAT, R.; FONTES, R. S.; PLETSCH, M. D. **Uma breve reflexão sobre o papel da Educação Especial frente ao processo de inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais em rede regular de ensino**. Cadernos de Educação 6: Inclusão Social Desafios de uma Educação Cidadã, p. 13-30, 2006.

MANTOAN, M. T. E. **Igualdade e diferença na escola como andar no fio da navalha**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 1, n. 58, p. 55-64, 2006.

MAZZOTTA, M. J. S. **Reflexões sobre inclusão com responsabilidade**. Revista@ambienteeducação, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 165-168, 2008.

MENDES, E. G. **A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 387-405, 2006.

MILAGRE, Marilene de Oliveira; SOUZA, Wagna da Silva. **Um estudo da integração do autista no ensino regular**. Graduação em Pedagogia da Escola Superior de Ensino Anísio Teixeira. Serra, MG. 2011. Disponível em: http://serra.multivix.edu.br/wp-content/uploads/2013/04/um_estudo_da_integracao_do_autista_no_ensino_regular.pdf. Acessado em: 14/08/2015.

PAÏN, Sara; JARREAU, Gladys. **Teoria e técnica da arte-terapia – a compreensão do sujeito**. Tradução: Rosana Severino Di Leone. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PEREIRA, Celly Anne Vasconcelos; PEREIRA, Ceylla Fernanda Vasconcelos; PEREIRA, Cyelle Carmem Vasconcelos. **AUTISMO INFANTIL**: aplicações do ensino estruturado na inclusão escolar. Rev. Ciênc. Saúde Nova Esperança – Dez. 2013. Disponível em: http://www.facene.com.br/wp-content/uploads/2010/11/12Autismo-infantil-aplica%C3%A7%C3%B5es-do-ensino-estruturado-na-inclus%C3%A3o-escolar_editado.pdf. Acessado em: 15/08/2015.

RIVIÈRE, À. **O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento**. In: COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. (Orgs). Desenvolvimento Psicológico e Educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades Educativas Especiais. 2. ed. v. 3. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 234-253.

SANTOS, Diana Gomes dos. **A Arte como mediadora na comunicação do Autista**: possíveis contribuições para facilitar a comunicação de um autista no contexto da educação formal. Monografia do curso em Pedagogia do Instituto CenecistaFayal de Ensino Superior. Itajaí: SC. 2008. Disponível em:

<http://www4.ifes.com.br/biblioteca/repbib/000000/000000FA.pdf>. Acessado em: 15/08/2015.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: o paradigma do século 21**. Inclusão: Revista de Educação Especial, Brasília, v. 1, n. 1, p. 19-23, 2005.

SERRA, D. C. G. **Entre a esperança e o limite: um estudo sobre a inclusão de alunos com autismo em classes regulares**. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2008.

TEACHC, Programa. Disponível em <http://ourworld.compuserv.com>. Acessado em 13/08/2015.

ZAKOVSKY, Ana Lúcia. **A Arteterapia vencendo barreiras: A Arte de incluir!** Especialização em Arteterapia. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ., 2008. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/38516.pdf. Acessado em: 14/08/2015.

Recebido: 06 dez. 2016.

Aprovado: 21 nov. 2017.

DOI:

Como citar: FREITAS, M. A. ; BOGONI, R. M. ; Escolarização inclusiva: o autismo e a arte. R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol, Medianeira, v.8 n.17. 2017. E – 5147.

Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/recit>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

